Porto Alegre, 27 e 28 de fevereiro e 1 de março de 2026 - Nº 29 - Ano 30

viver.

Carnavalesco, atleta, mobilizador esportivo e líder sindical, Vicente Ráo (1908-1972) inscreveu seu nome na história de Porto Alegre como o mais icônico rei momo da cidade durante 22 anos consecutivos de folia

ACERVO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO/REPRODUÇÃO/JC

reportagem cultural

O rei-momo número 1 de Porto Alegre

Marcello Campos, especial para o JC

Diz a mitologia grega que Zeus andava de saco cheio com o comportamento zombeteiro de um tal deus Momus quando o expulsou do Olimpo. Rebaixado a criatura errante do hedonismo, andou meio esquecido até sua reabilitação pela cultura popular europeia na Idade Média, absorvendo aspectos dos bobos-da-corte e de monarcas exuberantes como o francês Luís XV, dentre outras influências. O resultado foi o surgimento de uma figura robusta, exuberante, colorida e satírica – fartura, poder, alegria e subversão da ordem, sob a alcunha de "rei momo". Embora haja registros de sua presença em eventos de países latinos como Espanha, Colômbia e Uruguai, tudo indica ter sido no Carnaval brasileiro que ele se sentiu em casa.

Interpretado inicialmente por um palhaço de circo no Rio de Janeiro de 1910, o personagem passou a desfilar – sob incentivo de jornais e revistas cariocas – na principal celebração pagã do País, primeiro como boneco de papelão e, a partir da década de 1930, em carne e osso, vestido como personagem de ópera e eleito mediante votação popular também promovida pela imprensa. A ideia de um "governante" da anarquia foliã logo chegou a Porto Alegre, repleta de blocos de rua e bailes em agremiações, conforme resgata o ex-carnavalesco Joaquim Lucena Filho, coordenador de Manifestações Populares da Secretaria Municipal da Cultura (SMC) em 2015-2016 e estudioso do assunto.

"Os festejos cresciam a cada ano, ainda descentralizados em diferentes bairros e sem escolas de samba, que só começariam a surgir em 1939, com a Loucos de Alegria, cofundada por meu pai. Isso fez com que houvesse inicialmente mais de um rei momo, função exercida por carnavalescos como Alfredo 'Macalé' Raimundo na Cidade Baixa e Adão 'Lelé' de Oliveira, o primeiro negro, no Areal da Baronesa. Foi na década de 1940 que a cidade passou a contar com um momo oficial, Francisco 'El Paco' Puerta, que reinou por dez anos", detalha. Sem desdém aos demais, Lucena é enfático ao apontar o mais importante nome a usar a coroa, faixa e cetro no Carnaval da capital gaúcha, durante 22 anos: Vicente Ráo (1908-1972).

Primogênito dos quatro filhos dos imigrantes italianos Michelangelo Rao e Thereza Lomando, ele imprimiu sua marca não só nos agitos momescos. Foi também atleta do Sport Club Internacional (fundado em 4 de abril de 1909, exatamente um ano após o nascimento de Vicente), pioneiro na criação da primeira torcida organizada do Rio Grande do Sul, introdutor das escolinhas no futebol gaúcho, bancário, líder sindical e primeiro Papai Noel "oficial" de Porto Alegre. Uma trajetória e tanto, a começar pela grande aventura da infância, quando o pai levou a família para uma visita aos parentes na cidade calabresa de Polistena. Acabaram retidos por lá durante três anos, devido à Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

"O patriarca precisou vender sua banca de importados no Mercado Público para levantar algum dinheiro capaz de alimentar o pessoal naquele cenário de racionamento", conta o sobrinho materno Cláudio Rogério Mendes, servidor municipal aposentado. Consta que, após o retorno para casa, a gurizada (acrescida do quarto irmão, nascido durante o exílio forçado do casal) teve que reaprender o português. Aos poucos, entretanto, as coisas se ajeitaram, a partir da década de 1920. Vicente estudou nos colégios Júlio de Castilhos e Anchieta, trabalhou como aprendiz de relojoeiro, serviu ao Exército – deu baixa como sargento bom de tiro – e teve longa carreira no Banco Nacional do Comércio desde os 16 anos, primeiro como contínuo e depois escriturário.

Leia mais na página central